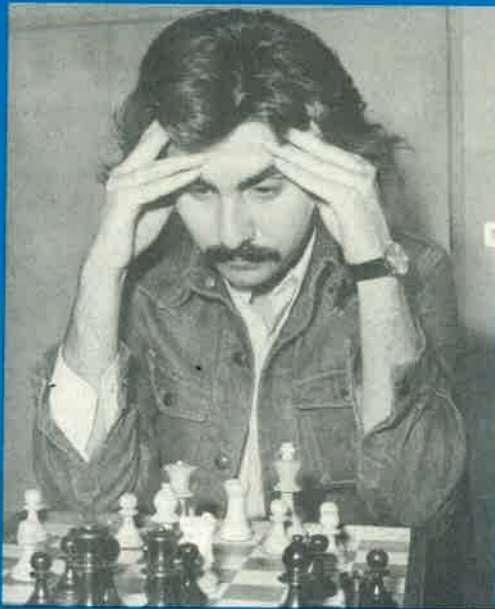


II SÉRIE Nº 13 ABRIL 1978 Pr.15\$00

REVISTA PORTUGUESA DE

xadrez

**FERNANDO SILVA VENCE
JOAQUIM DURÃO E RENOVA
O TÍTULO DE CAMPEÃO NACIONAL**



**JOSÉ PEREIRA DOS SANTOS
E FERNANDO SEQUEIRA JR.
GANHAM "NACIONAIS"
DE JUNIORES E JUVENIS**

**ISABEL PEREIRA
DOS SANTOS
UM TÍTULO
POLÉMICO**



SUMÁRIO

- 2 Um filme retrospectivo
- 3 O I «Nacional» Feminino
- 4 Karpov e Spassky vencem em Bogojo
- 5 Teste do meio jogo ao ataque ao roque
- 6 Futuros «craques» juntos em Portalegre
- 8 Soluções
- 9 Botvinnik comenta
- 10 Silv avence Durão
- 12 Nacional
- 14 Secção de consulta
- 16 Maya Chiburdanidze — Próxima etapa: o ceptro mundial
- 17 Nacional
- 18 Problemas — Vamos compor um dois-lances?!
- 20 Partidas recentes
- 20 Para resolver

Proprietária e editora: Federação Portuguesa de Xadrez — Sede da redacção e administração: Rua da Sociedade Farmacêutica, 56-2.º, Lisboa-1 — Tels. 53 90 27/8.

Director: Simões Nunes — **Corpo redactorial:** Álvaro Pereira, Armando Aragão, José Oliveira (chefe de redacção), José Pereira dos Santos, José de Sousa, Luís Santos, Rui Nascimento, Sobreda Antunes, Tomé Duarte, Vasco Santos, Victor Silva — **Fotografia:** Álvaro Fernandes — **Capa:** Júlio Quirinó, Vítor Cardoso —

Colaboram neste número: Fernando Sequeira Jr., Manuel Serra, Miguel Costa, Mikhail Botvinnik, Rui Pereira — **Delegação no Porto:** António Cabral, Eduardo Monteiro, Fernando Timóteo, Gomes da Rocha, Henrique Magro, Manuel Matos, Vladimiro Miranda — **Correspondentes:** Faria de Bastos, Justino Carvalho, Pedro Palhares — **Outros colaboradores:** Agostinho Roxo, Américo Costa, Isabel Rodrigo, José de Almeida.

Administrador-delegado: Sá Chaves.

Composição e impressão: Gráfica Progressiva de Cacilhas, Lda. — Rua Carvalho Freirinha, 63-A — Cacilhas — Tel. 275 14 94

Tiragem: 6.500 exemplares

Distribuição: Agência Portuguesa de Revistas

Preço por número: 15\$00 — **Assinatura semestral:** 80\$00 — **Assinatura anual:** 150\$00.

Um filme retrospectivo

«Joga-se hoje melhor ou pior do que antigamente?»

Esta interrogação é corrente, sobretudo entre os saudosistas — e em vários desportos inclusivamente no popular futebol.

O xadrez, como se sabe, tem a vantagem sobre todos os jogos desportivos, de se poder fazer uma correcção mais ou menos concreta, desse tipo de cotejo, sem recorrer simplesmente à impressão subjectiva da memória. Extremamente falível, esta, porque em regra baseia-se na retina visual, que fixou o melhor e olvidou o pior... Isto é frequente, por exemplo, no futebol — evocando-se muitas vezes os «craques» de outrora, sem ponderar a força do adversário. E todos — incluindo nós, os xadrezistas — sabemos quantas vezes um jogador joga e que o adversário deixa jogar...

Revertendo-nos para o caso específico do xadrez, a vantagem a que aludi, em matérias de cotejo do nível de jogo em épocas diferentes já se sabe, refere-se ao registo de partidas. Funciona tal como um filme: a reprodução de uma partida é uma retrospectiva, ainda que fria (isto é, sem se reproduzir a ambiência, que em xadrez também conta...) em que se pode analisar não apenas o estilo dos jogadores protagonistas (quantas vezes reflectindo as tendências da sua época...), como as diversas particularidades da técnica.

É verdade que grandes jogadores do Passado nos legaram autênticas jóias de xadrez artístico, autênticas lições da tática e estratégia, no meio-jogo e nos finais — e até nas aberturas, em que jogam os precursores...

Mesmo em Portugal — onde como se sabe, o nível técnico nunca foi famoso — jogaram-se partidas de boa craveira, sendo pena que não haja uma verdadeira antologia do xadrez lusitano. Muitas nem chegaram a conhecer a luz da publicidade e outras — como a excepcional girândola de sacrifícios de José Maria Dores frente ao ex-campeão nacional Leonel Pias — estão dispersas e nem sei se localizáveis.

Todavia, permanece a incógnita: nunca se poderá saber no que resultaria uma fantástica partida entre Capablanca e Bobby Fischer ou entre Alekhine e Karpov. Ou, no âmbito português, um «match» Mário Machado - Joaquim Durão ou João de Moura - Fernando Silva, ou ainda Francisco Lupi — uma revelação especial no seu tempo — oposto a qualquer dos novos e promissores, «novas-vagas», da actualidade.

Uns já não pertencem ao número dos vivos; outros afastaram-se, desinteressaram-se — além de que a idade não perdoa (a respeito deste último factor, ten-

ciono acrescentar umas coisas, lá mais para diante...). O único que poderia estabelecer o paralelo directo entre duas gerações (refiro-me à época em que eu próprio fiz carreira, ou seja parte das décadas de 40 e 50, e a actualidade) é João Mário Ribeiro, porque começou muito novo. Mas, infelizmente, como se sabe, um precalço de ordem física tem obstado a que nos últimos anos possa competir em torneios.

Outros ainda, como Alfredo Araújo Pereira e José Vinagre têm mantido uma constância irregular na disputa de provas mas de qualquer modo têm hoje mais de 60 e 50 anos, respectivamente, e seria vulgaríssimo que se mantivessem no auge da sua forma, como há vinte ou trinta anos... (No plano internacional esse extraordinário Najdorf — septagenário — é incrível abencerragem!...)

Outro jogador que poderá estabelecer um paralelo, mas mais curto de prazo, será Joaquim Durão — revelação tipo-Lupi da década de 50, como aquele meu desafortunado e querido amigo e contemporâneo o fora na década de 40.

Durão surge na corrida para a cimeira justamente quando eu próprio estava no auge; se bem me recordo, ele atingiu o Torneio de Mestres de 1952, e foi o último classificado, quando eu alcancei o título de mestre da F.P.X. (que dantes bastava fazer 50 % num só torneio dessa classe; para meu saudosismo dos «bons velhos tempos, «apanhei» o título com 75 %...).

Quanto a mim próprio, em matéria do tal cotejo de jogar nas épocas de duas gerações distintas (entenda-se espaços de quartos de século), só por simples curiosidade e nada significativa. Além de já ter dobrado a barreira dos 50 anos — de facto importante no xadrez — estive «hibernado» mais de vinte anos, isto é, quase completamente afastado da prática regular do jogo, mesmo sem ser em torneios. Completamente desactualizado em aberturas (o que sei, gravou-se-me na memória há uns bons trinta anos!...) falho de ritmo de jogo e difícil visão do tabuleiro — numa palavra: destreino.

Portanto, todas as considerações que eu possa reproduzir aqui, serão tremendamente subjectivas e falíveis. Insisto no carácter de curiosidade e crónica amena — que no entender dos mentores desta revista (II série da R.P.X. do «meu tempo...») terá interesse suficiente para os nossos leitores. Daí me propor a prosseguir — salvo algum «xeque intermédio» de leitor enfasiado...

O I NACIONAL FEMININO



Disputou-se de 29 de Março a 1 de Abril, nas salas da Secção de Xadrez do Sport Lisboa e Benfica, o I Campeonato Nacional Feminino.

Incluído entre as provas anualmente obrigatórias pelo recentemente aprovado Regulamento de Competições e Participantes, decidiu a F.P.X., que tinha carta branca para a escolha dos moldes que entendesse organizá-lo já na presente época, embora não figurasse no orçamento das competições.

Mas não ficou por aqui a boa vontade do elenco federativo em relação às femininas: Certamente temeroso de que o acusasse de discriminação, resolveu abrir o direito de inscrição a quantas jogadoras desejassem participar e subsidiar ainda, com deslocações e estadia em Lisboa, uma concorrente por Distrito.

Convidado para arbitrar o torneio, confesso que estas facilidades me assustaram. Quantos grupos feministas não iriam filiar-se e aproveitar a oportunidade para desfazer essa atoarda da incompatibilidade entre a lógica matemática do xadrez e a lógica feminina das mulheres portuguesas? Quantas centenas de inscrições? De quantos auxiliares iria eu necessitar para a prova de tal envergadura?

Tive o bom senso de aguardar o fecho das inscrições, que se resumiram a 16, para acabar em 13 participantes efectivas (I), representando 6 distritos (III), apesar das facilidades concedidas: Lisboa, 6 concorrentes; Guarda, 3; Aveiro, Coimbra, Faro e Setúbal, uma cada.

Será que para o Norte do Rio Douro... e não só...

Não! Não concluo a pergunta porque de repente me ocorreu que a culpa cabe inteirinha à F.P.X. e à sua falta de sentido promocional do xadrez no nosso país! Convidaram-me a mim para dirigir um

Campeonato Nacional de Xadrez! Convidavam a Gabriela, a Malvina ou mesmo a coitadinha escrava Isaura e não eram centenas; eram milhares de concorrentes. E depois digam que a R.T.P. não liga ao xadrez.

Quanto ao nível técnico... Bom, eu já disse que não quero falar de coisas chatas!

Falemos então das alegres: A vencedora tem 16 anos e na primeira metade da tabela classificaram-se uma concorrente de 12 e duas com 13 anos.

Sonhemos então que dentro de poucos anos dará gosto falar do xadrez feminino em Portugal!

Segue-se a classificação e a partida jogada entre as duas primeiras classificadas, num suíço de sete sessões.

Apenas mais uma nota para elucidar os nossos leitores que a segunda classificada protestou contra a atribuição do título e pretende jogar um «match» de desempate, como acontece no campeonato masculino.

Dado que o assunto está entregue ao Conselho Jurisdicional da F.P.X. abstemo-nos, por agora, de quaisquer comentários.

	I	II	III	IV	V	VI	VII
1.ª Isabel P. Santos	4 1	3 2	2 2½	6 3½	5 4½	9 5½	7 6½
2.ª Ilda Miranda	1	6 2	1 2½	3 3½	4 4½	5 5½	8 6½
3.ª M.ª Carmo Alves	8 1	1 1	10 2	2 2	7 3	4 4	6 4½
4.ª Anabela Serra	1 0	12 1	7 2	9 3	2 3	3 3	11 4
5.ª M.ª Virginia Cunha	0	1	8 2	10 3	1 3	2 3	9 4
6.ª Ana P. Silva	13 1	2 1	12 2	1 2	10 3	7 3	3 3½
7.ª M.ª Fátima Afonso	11 1	10 1	4 1	13 2	3 2	6 3	1 3
8.ª Ana M.ª Veiga	3 0	9 ½	5 ½	1	12 2	13 3	2 3
9.ª Isabel Mendes	10 0	8 ½	13 1½	4 1½	11 2½	1 2½	5 2½
10.ª Ângela Veiga	9 1	7 2	3 2	5 2	6 2	11 2	2 ½
11.ª Ana P. Santos	7 0	13 0	½	12 1½	9 1½	10 2½	4 2½
12.ª Manuela P. Santos	1	4 1	6 1½	11 1	8 1	1 ½	13 2½
13.ª Ana P. Vieira	6 0	11 1	9 1	7 1	1 ½	8 1½	12 1½

Os problemas da Arbitragem

O torneio não teve o que possa chamar-se problemas.

Mas, tal como o nível técnico, também o conhecimento das regras era muito superficial, em jogadores, como era o caso de algumas concorrentes, com poucos meses de aprendizagem.

Mais do que uma vez foram deixados reis em xeque e perguntado ao árbitro sobre a legitimidade do roque.

Mesmo entre as mais experientes houve pretensões como a seguinte:

O ritmo era de 50 lances para as primeiras duas horas.

Uma concorrente, jogando com as negras, tinha efectuado 49 lances e o seu relógio marcava 1 hora e 50 minutos.

A adversária fizera já os 50 lances e gastara 1 hora e 45 m.

Pretendia a concorrente efectuar de imediato o lance secreto, deixando depois o seu relógio a trabalhar até completar as quatro horas da sessão.

Alertada de que assim perderia, pois gastaria 2 horas e 15 minutos para 50 lances, a concorrente, usando a tal lógica feminina a que me refiro noutro lugar, esclareceu melhor a sua pretensão:

Escreveria o 50.º lance na folha, de partida, meteria esta no envelope e fechá-lo-ia antes da seta de controle cair, comprometendo-se a não mais o abrir. Depois, não carregando no relógio, deixá-lo-ia trabalhar mais 15 minutos para si, tempo esse que era já, portanto, do seu 51.º lance.

O árbitro não consentiu, evidentemente, porque isso era contra as regras, (Art.º 15), e também contra a verdadeira lógica.

Quererá o leitor menos versado nestes problemas pensar em que é que não só a letra, mas também o espírito das regras do jogo, era atropelado pela «engenhosa» solução proposta?

Se não descobrir veja nas soluções.

À Margem do Torneio

Decorriam calmamente as sessões do campeonato. Era monótono, a verdade seja dita, seguir partidas de fraco nível técnico e alta morosidade. Chegámos a contar 16 minutos, (cronometrados!!!), para um lance de rei em xeque, sem possibilidade de interposição ou captura, e com uma única casa de fuga.

Resolveu por isso o árbitro, que era também o redactor de serviço da R.P.X., (quando poderá o xadrez em Portugal dar-se ao luxo de ter uma pessoa para cada função?), exercitar a sua veia jornalística entrevistando as acompanhantes das concorrentes que, habitual e pacientemente, assistiam às sessões, também elas necessitadas de espalhecer com um derivativo que as afastasse do «sofrimento» das suas pupilas.

Começamos pela Sr.^a D. Clotilde Martins, mãe da Ana Paula Vieira.

Disse-nos:

«Este é o meu primeiro contacto com o xadrez, que até aqui só conhecia de nome e por ver os diagramas que os jornais, por vezes, publicam, mas que eu não entendo.

Gosto do ambiente que vim encontrar mas acho-o um pouco barulhento para a concentração que, penso, as concorrentes necessitam».

Nós, como árbitro, não nos achámos, salvo em algumas ocasiões de maior excitação, na obrigação de impor silêncio. Mas a D. Clotilde é enfermeira e portanto habituada a ambientes mais calmos que uma sala de torneio feminino em que a média das idades não ultrapassava os 18 anos...

Acrescentou:

«Minha filha há apenas dois meses, que começou a jogar, por passatempo. Parece ter qualidades para o xadrez pois o Grupo Xeque-Mate acabou por federá-la e a Associação de Faro por enviá-la ao Campeonato em representação do Distrito».

R. P. X. — Notou alguma transformação nela desde que joga xadrez?

— É ainda cedo para avaliar. A princípio queixava-se de cansaço e dores de cabeça. Mas agora joga e sente-se bem».

Deixámos a D. Clotilde seguindo a actuação da filha e ficámos a cismar: se a tão falada emancipação feminina não terá de começar pelo xadrez: Serem as mulheres capazes de pensar sem ficarem cansadas e com dores de cabeça...

A nossa segunda «vítima» foi a Sr.^a D. Cesaltina Martins Serra, mãe da concorrente Anabela Serra, do Grupo de Xadrez de Corroios.

Não joga xadrez mas está muito familiarizada com ele porque o marido é dirigente, animador e praticante.

(Trata-se de Joaquim Brás Serra, que organizou e relatou para a nossa revista a partida ao vivo de Corroios. — R.P.X. n.^o 7).

Além da Anabela tem outro filho, o Luís Filipe, de 9 anos, que também joga e é, no presente campeonato, quem mais sofre com os deslizes da irmã.

É sobre ele que incide a conversa:

O Luís Filipe andava mal nos estudos. Aprendeu o xadrez e, então, deixou os livros por completo. Algum tempo depois, com os pais fortemente apreensivos, veio um recado da professora: Para o menino continuar com o processo de estudo usado ultimamente pois o seu rendimento escolar estava a melhorar muito...

Outros casos semelhantes permitiram-nos sossegar a consciência da D. Cesaltina sobre o erro que a professora estaria a cometer: O xadrez, desenvolvendo o poder de concentração, a memória e a capacidade de atenção, consegue o que horas de «estudo», quando não é mais do que sonolento e passivo contacto físico, com os livros, não alcançam.

A simples assiduidade às salas, mas com presença desperta e activa, consegue milagres.

N. S.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA DE ARBITRAGEM:

A concorrente, efectuando o 50.^o lance no tabuleiro, dentro do controle, deixava à adversária a possibilidade de efectuar por sua vez novo lance, o 51.^o das brancas, dentro dos 15 minutos que ainda faltavam para o termo da sessão.

Isto obrigava a concorrente a jogar pelo menos mais uma vez, obrigação que a pretensão, a ser satisfeita, iludiria.

ISABEL P. SANTOS-ILDA MIRANDA
Defesa Niemzovitch

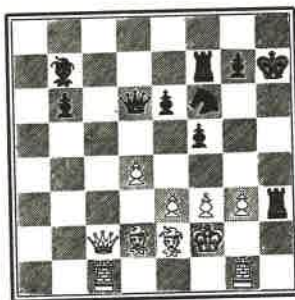
1. d4 Cf6 2. c4 e6 3. Cc3 Bb4 4. Bd2 b6 5. Cf3 Bb7 6. e3 c5 7. a3 cxd4 8. axb4 dxc3 9. Bxc3 0-0 10. Bd3 d5 11. b3 De7 12. b5 Td8 13. Dc2 g3. 14. 0-0 Cd7 15. Db2 Te8 16. Ce5 Cxe5 17. Bxe5 Cd7 18. Bc3 Dg5 19. f4 Dh6 20. Tf2 Çc5 21. Bc2 a5 22. Be5 dxc4 23. bxc4 Cd7 24. Bd4 Tac8 25. Bd3 Cc5 26. Bc2 Cd7 27. Bd3 Cc5 28. Bc2 ½:½

INTERNACIONAL

Karpov e Spassky vencem em Bugojno

Realiza-se na cidade jugoslava de Bugojno um dos cinco mais fortes torneios de sempre. Pela sua importância, contamos fazer no próximo número uma cobertura detalhada. Entretanto, e, para aguçar o apetite, apresentamos do referido torneio uma combinação de Hübner contra Portisch e a partida Spassky-Ljubojevic.

PORTISCH - HUBNER



37... Ce4+ 38. fxe4 fxe4+ 39. Re1 Dxc3+ 0:1

SPASSKY-LJUBOJEVIC
Siciliana

1. e4 c5 2. Cc3 Cc6 3. g3 Tb8 4. f4 g6 5. Cf3 Bg7 6. Bg2 b5 7. a3 Da5 8. 0-0 b4 9. Ce2 c4 10. d4 cxd4 11. cxd4

Db6+ 12. Rh1 bxa3 13. Txa3 Bxb2 14. Bxb2 Dxb2 15. Da1 Cf8 16. Ccd4 Cxd4 17. Cxd4 a6 18. Tc1 0-0 19. Dxb2 Txb2 20. Tb3 Txb3 21. Cxb3 Bb7 22. Tc7 Tb8 23. Cc5 Bc6 24. h3 a5 25. g4 Ce8 26. Ta7 d6 27. Cd7 Tb7 28. Txb7 Bxb7 29. Cb6 Ba6 30. d4 Cc7 31. d5 Bb5 32. Bf3 a4 33. Bd1 a3 34. Bb3 Ca6 35. e5 Cb4 36. Cc8 Ba4 37. Bc4 dxe5 38. fxe5 Rf8 39. Cb6 Bb5 0:1

Na sequência do Torneio de Bugojno, disputou-se em Mostar uma importante prova de partidas rápidas. Vários dos participantes no primeiro fizeram o gosto ao dedo, tendo o campeão do mundo ficado isolado no topo da classificação que a seguir se apresenta:

1.^o Karpov, 10; 2.^o Tal, 9; 3.^o-4.^o Spassky, Knezovic, 8; 5.^o-7.^o Ljubojevic, Vukic, Hulak, 7; 8.^o Najdorf, 6½; 9.^o Byrne, 6; 10.^o Matulovic, 5½; 11.^o-12.^o Balashov, Portisch, 5; 13.^o Hort 4½; 14.^o Miles, 3.

Do meio jogo ao ataque ao roque

Teste a sua força de jogo numa partida exemplar. Neste exercício que lhe propomos, você é o segundo do GM Botvinnik

O principiante, depois de passar por uma fase em que só se preocupa em desenvolver duas ou três peças e criar ataques imediatos sem conteúdo e condenados ao fracasso, começa a aperceber-se da importância fundamental que tem a ocupação ou o domínio do centro como objectivo imediato da abertura.

Abre então os primeiros tratados de aberturas, e começa a conseguir nas partidas posições vantajosas, as tais que, nas algumas obras da especialidade, vêm assinaladas com o símbolo +, a ligeira vantagem posicional. Como explorar estas posições, eis o problema.

A vantagem é normalmente de espaço, envolvendo, portanto, uma superior mobilidade. O tratamento correcto destas posições é difícil, sobretudo em jogos cerrados ou semi-abertos, porque o adversário não possui debilidades reais ou alvos de ataque imediato; contudo, baseia-se em princípios simples.

O primeiro objectivo consiste em restringir o adversário rapidamente, pois este tipo de vantagem é temporário e pode-se esfumar em qualquer lance menos preciso.

São raras as partidas em que o lado restringido, defendendo-se bem, não consegue fazer desaparecer esta ligeira vantagem do adversário num final equilibrado. É difícil neste caso, ao lado superior manter a vantagem. Há, portanto, que tentar convertê-la, a todo o momento, numa vantagem posicional mais palpável.

Entra-se assim numa segunda fase, que consiste em provocar o debilitamento no campo oposto ou adquirir novas vantagens posicionais, como o domínio de uma coluna aberta, a ocupação de um posto avançado, o par de bispos, o bispo «bom», etc.

Finalmente, como terceiro objectivo, este sim claro e «forçado», temos a abertura de linhas combinações e a destruição, onde a táctica é fundamental. Aparecem então ataques de mate, capturas decisivas de material ou finais vantajosos, no caso de acumulação de pequenas vantagens.

Teste

Cubra esta coluna com uma folha de papel e desça a linha a linha, executando sobre o tabuleiro as jogadas descritas.

Quando encontrar na margem direita o sinal ●, pare. Imagine-se sentado ao lado de Botvinnik, tentando descobrir o lance que ele vai fazer a seguir. Não execute de imediato um qualquer lance branco: pondere um pouco e analise as variantes da posição.

Depois, desça a folha de papel até encontrar de novo o sinal ●, e, se acertou, tome nota dos pontos correspondentes.

BOTVINNIK-CHEKOVER

Moscovo 1935

Ataque Niemzovitch

Esta abertura visa controlar o centro à distância para posteriormente atacar o flanco de rei. 1. Cf3 d5 2. c4 e6 3. b3 Cf6 4. Bb2 Be7 5. e3 0-0 6. Be2 c6 7. 0-0 Cbd7 8. Cc3 a6 9. Cd4 dxc4. Aqui começa propriamente o teste. ●

10. bxc4 (2 pontos). Depois de 9... dxc4? (melhor era 9... c5), as brancas controlam o centro totalmente e encontram-se melhor desenvolvidas. Mas as negras não têm debilidades. 10... Cc5 ●

11. f4 (4). As negras ameaçavam 11... e5 e 12. Cd3; esta é a primeira acção de restringimento. 11... Dc7 ●

12. Cf3 (4). Restringindo novamente. 12... Td8 ●

13. Dc2 (2). Some mais 3 pontos se recusou 13. d4 por provocar escusadamente uma troca de peças depois de 13... Cce4, aliviando o lado restringido. 13... Ccd7 ●

14. d4 (3) c5 ●

15. Ce5 (3). Depois do controle, a ocupação efectiva do centro. 15... b6 ●

16. Bd3 (3) cxd4 ●

17. exd4 (1) Bb7 ●

18. De2 (2) Cf8 ●

19. Cd1l (6) Ta7 ●

20. Cf2 (2) Db8 ●

21. Ch3 (6) h6. Excelente manobra branca, que provocou o debilitamento 21... h6 perante a ameaça 22. Cg5. Isto sem provocar qualquer simplificação, mantendo assim as negras restringidas. ●

22. Cg5l (7). Depois de restringir e debilitar vem a terceira fase, a abertura de linhas para o ataque final. 2... hxg5 ●

23. fxxg5 (1) C8d7. Se achou que depois de 23... C6h7 24. Cxf7 ficava com dois peões pela peça sacrificada e mantém o ataque, por isso some mais 1 ponto.

24. Cxf7 (8) Rxf7 ●

25. g6+ (2). Some mais 4 pontos se viu que 25... Rf8 perdia imediatamente com 26. Dxe6 e se 25... Re8 26. Dxe6 Cf8 27. Df7+ Rd7 28. Bf5+ Rd6 29. Ba3+. 25... Rg8 ●

26. Dxe6+ (2) Rh8 ●

27. Dh3+ (2) Rg8 ●

28. Bf5 (6). Desconte 10 pontos se decidiu empatar por xeque perpétuo ou se optou por outro lance! 28... Cf8 ●

29. Be6+ (3) Cxe6 30. Dxe6+ Rh8 ●

31. Dh3+ (2) Rg8 ●

32. Txf6l (4) Bxf6 33. Dh7+ Rf8 ●

34. Te1l (6) Be5 ●

35. Dh8+ (3) Re7. Marque 2 pontos se preferiu 35. Txe5, mas só se viu que devia ganhar depois de 35... Dxe5 36. dxe5 Td1+ 37. Rf2 Td2+ 38. Re3 ●

36. Dxxg7+ (2) Rd6 ●

37. Dxe5+ (1) Rd7 ●

38. Df5+ (2) Rc6 ●

39. d5+ (1) Rc5. E junte mais um ponto se vir maneira de dar mate em quatro jogadas.

A partida continuou com 40. Ba3+ Rxc4 41. De4+ Rc3 42. Bb4+ Rb2 43. Db1++.

Some agora os seus pontos, e verifique qual a força de jogo:

Mais de 91 pontos — Grande Mestre.

De 85 a 91 — Mestre Internacional.

De 73 a 84 — Mestre Nacional.

De 61 a 72 — 1.ª categoria.

De 45 a 60 — 2.ª categoria

De 25 a 44 — 3.ª categoria

Menos de 25 — não desanime e continue a ler a Revista Portuguesa de Xadrez, pois ela é feita também a pensar em si.

LUÍS SANTOS

XADREZ

Damas • Domino • Ludo
Cavalinhos • Gamião
Cartas • Loto • Monopólio
e muitos outros jogos



Spril

SPORTS

rua do carmo, 21 - lisboa

Futuros «craques» juntos em Portalegre

Realizaram-se de 20 a 29 de Março os Campeonatos Nacionais de Juniores e Juvenis, em Portalegre. O Grupo de Xadrez desta cidade organizou pela segunda vez estes campeonatos com a colaboração de várias entidades locais. Este ano os jogadores ficaram instalados no Hotel D. João III, o que proporcionou maior convívio e camaradagem entre eles.

O convívio

De facto, a reunião dos jogadores num mesmo local permitiu o extravasar dos sentimentos amistosos que unem a camada jovem xadrezista, materializados, por exemplo nas habituais lutas de almofadas entre os diversos quartos. Os primeiros dias, aliás, caracterizaram-se por uma frenética actividade destruidora num deles: a «suite imperial». Diariamente, à hora do almoço, o elemento da F. P. X. presente, recebia do Director do Torneio o inventário dos estragos do dia. A meio da prova já constava do rol: duas camas, uma mesa de cabeceira, umas persianas, um varão da casa de banho e várias cadeiras.

Por outro lado, noutros quartos, houve quem se dedicasse a actividades lucrativas como, por exemplo, ir nu para a varanda a expensas dos companheiros. Estes passeios de modo nenhum escandalizaram a vizinhança, já que, cada vez que um hóspede esboçava a intenção de aquecer o peito ao sol da manhã, de imediato vários observadores dos prédios em frente ficavam na expectativa de algo mais.

Relato de observadores imparciais

O ponto alto destes campeonatos seria, no entanto, o esperado encontro de futebol Norte-Sul, a realizar no dia de descanso no Estádio Municipal de Portalegre com iluminação nocturna e tudo. Os nortenhos, tal empenho puseram no resultado que, com hábeis argumentos geopolíticos, conseguiram contratar para a sua formação os jogadores de Portalegre e Madeira, um dos quais, aliás, capitão da selecção de juniores desta ilha. A primeira parte terminou com 1-0 a favor dos sulistas. Resultado escasso mas merecido, a premiar a actuação dos dois melhores elementos do Sul: os guarda-redes de ambas as equipas. Na segunda parte, porém, uma sábia modificação no sistema de jogo do Norte levou a um rápido 5-1 a favor do

Sul. Este resultado desmoralizou de tal modo os atacantes da equipa em desvantagem que se tornou frequente a troca de improférios entre os dois extremos. Perante a ineficácia da sua linha avançada, a equipa nortenha foi toda ao ataque conseguindo reduzir para 2-5, resultado final, numa jogada em que estavam meia dúzia de jogadores «off-side», com um golo que o árbitro validou sob o pretexto de amenizar o resultado, já que o jogo era amigável. A frustração dos jogadores do norte veio a reflectir-se no incremento das agressões com almofadas nas noites seguintes.

Os Torneios

O Campeonato Nacional de Juniores foi prejudicado por diversas ausências. Além dos jogadores categorizados que passaram o «limite de idade», não compareceram, por motivo de exames, o anterior campeão João Sequeira, e também José Azevedo (A. A. E.), Alberto Fernandes (S. L. B.) e António Baptista (S. A. A.). Ainda há a referir a ausência de um grupo de jogadores como Fernando Sequeira e António Fernandes que optaram por jogar os «Juvenis». Tudo isto veio retirar a este torneio o interesse e espectacularidade que o caracterizaram nos últimos anos.

Os únicos jogadores capazes de arrebatar o título eram, à partida, José Pereira dos Santos, Jorge Guimarães e Sílvio Santos. Separados destes por mais de 100 pontos «Elo» aparecia um grupo que não parecia poder com eles competir.

A actuação de José Pereira dos Santos, sendo suficiente para lhe proporcionar a vitória com confortável vantagem pontual, não atingiu, contudo, o brilho e qualidade técnica que conseguiu nos Campeonatos Nacionais Absoluto e por Equipas. A sua melhor partida foi a jogada com Jorge Guimarães, a qual decidiu, na prática, o torneio a seu favor com apenas cinco jornadas decorridas.

A surpresa do torneio seria Pedro Palhares que ninguém previa que se colocasse no segundo lugar. Há a destacar que este foi completamente merecido.

Jorge Guimarães começou mal ao perder com Henrique Pereira na segunda sessão, vindo a conseguir um aceitável terceiro lugar que não terá comprometido por completo os seus pergaminhos. Já o mesmo se não poderá dizer de Sílvio Santos que apenas conseguiu o 7.º lugar, embora com os mesmos pontos do 4.º. Outra

surpresa foi José Silva, jogando este ano em Lisboa, que conseguiu obter um imprevisto 4.º lugar com vitórias sobre Sílvio Santos e Fernando Castro.

O Campeonato Nacional de Juvenis foi muito mais interessante do ponto de vista competitivo. Havendo apenas, à partida, quatro jogadores com possibilidades (Fernando Sequeira, António Fernandes, Armando Baptista e João Assunção) assistiu-se à revelação de António Fróis, de Lisboa e Francisco Ferreira, de Portalegre, que obtiveram respectivamente o 3.º e 6.º lugares.

Fernando Sequeira ganhou convincentemente. Tomou o comando à quinta sessão e não mais o largou até ao fim, cedendo dois empates nas últimas sessões, quando já tudo estava decidido.

Armando Baptista obteve um merecido segundo lugar. Poderia ter feito melhor se fosse um jogador mais rodado neste tipo de competições.

António Fróis, a revelação deste torneio, colocou-se em terceiro sem perder uma única partida. Desperdiçou várias oportunidades, empatando depois de obter posições superiores.

António Fernandes apresentava-se a este torneio, aos olhos de alguns, como vencedor antecipado dadas as suas actuações (2.º lugar no Campeonato Aberto de Portugal e no Torneio Internacional de Viana do Castelo). Não conseguiu, no entanto, confirmar este favoritismo. Pela forma como jogou não merecia ter ficado melhor classificado.

Há ainda a referir as provas dos jovens Idílio Gomes, Pedro Fernandes e Luís Gallego que, apesar da sua reduzida idade conseguiram respectivamente o 8.º, 9.º e 10.º lugares.

Quanto à organização parece-nos que se fez o melhor que era possível na situação de «aperto» do ponto de vista económico. Os elementos do Grupo de Xadrez de Portalegre que a dirigiram forneceram todas as bases e ajudas para que se pudesse trabalhar eficientemente. Melhor que as nossas palavras premiaram-na o apreço manifestado pelos jogadores à despedida.

JORGE GUIMARÃES — JOSÉ P. SANTOS
Defesa Caro-Kan

1. e4 c6 2. d4 d5 3. Cc3 g6 4. e5 Bg7
5. Be3 (melhor será talvez 5. Cf3 ou 5. f4 para defender o peão e5) c5! 6. dxc5
(6. Cf3 Bg4) Bxe5 7. Bd4 (se 7. Cxd5
Bxb2 8. Bd4 Bxd4 9. Dxd4 Cf6 10. Cxf6

exf6 .11. Bb5+ Cc6 12. Dxd8 Rxd8 13. 0-0-0 Rc7 com jogo aproximadamente igual) Bxd4 8. Dxd4 Cf6 9. 0-0-0 Cc6 10. Bb5?1 (melhor seria 10. Dd2 que não coloca o bispo em posição vulnerável e mantém as ameaças) 0-0 11. Bxc6?

Este lance foi feito para justificar o anterior. No entanto ele acaba com os problemas das negras — fica o peão d5 defendido — e abre uma coluna para o ataque sobre o rei branco. O melhor teria sido retirar a dama mantendo as ameaças. Se 11. Dd2 Da5, por exemplo, pondo de manifesto a incorrecção de 10. Bb5; se 11. Da4 pode jogar-se 11... Be6 ou até 11... e5!?. Por exemplo, depois de 11. Da4 Be6 12. Bxc6?1 bxc6 12. Dxc6 Da5 13. Db5 Dxb5 14. Cxb5 Tfc8 15. b4? a5! 11... bxc6 12. f4?

Com a ideia de evitar e7-e5. No entanto abre buracos na posição branca (fornece o ponto e4 para a manobra das peças negras) e atrasa o seu desenvolvimento mais um lance. Melhor seria, por exemplo, 12. Te1, com a mesma ideia.

12... Bg4 13. Te1 Da5!?

As brancas, ao longo deste jogo, vão sentir o efeito de um ataque das peças sobre o seu roque que irá levar a debilitações sucessivas no roque branco. As negras tentam aproveitar-se para já, do f4 das brancas. Se 14. Txe7 Ce4 15. h3 (15. Cxe4? De1+) Be6 16. Cge2 com posição,

a meu ver, mais satisfatória que aquela que as brancas obtiveram na partida.

14. h3 Be6 15. Cf3 (Cge2!?) Ce4 (Cd7!?) 16. Da4 Dxc5 17. Cxe4 dxe4 18. Dxe4 (melhor seria 18. Txe4 pois após 18... Bf5 seguir-se-ia 19. Te2 reforçando a defesa de c2) Bf5 19. De2 (Da4?!)

Tab8! 20. c3

Se, por exemplo, 20. g4 Txb2!, e agora, se 21. gxf5 Da3, ganhando, e se 21. Rxb2 Db4+ 22. Rc1 Da3+ 23. Rd1 Td8+ 24. Cd2 Dc3 25. De3 Bc2 26. Re2 Td3, ganhando.

20... Tfd8 (ameaça Dxc3) 21. Cd2 (se 21. De3 Da5 22. a3 Dxa3; se 21. De5 Dc4 seguido de De3 ou Dxa2) Da5 22. a3 (22. Dc4 Bd3) Dd5 0-1; se 23. Ce4 Bxe4; se 23. g4 Da2; se 23. b3 Da5 24. Rb2 Da4 seguido de Txd2; se 23. c4 Dd4 24. Cf3 Dc3+ 25. Cb1 Dxf4+ 26. Cd2 Txb2.

A. FERNANDES- F. SEQUEIRA

1. Cf3 Cf6 2. b3

Jogada com Cf3 ao primeiro lance para não permitir variantes com e5.

2... e6 3. Bb2 b6 4. e3 Bb7 5. Be2 Be7 6. 0-0 0-0 7. c4 d5 8. Cc3 Cbd7 9. d4 c6

A estrutura negra é semelhante àquela que se pode usar contra a Abertura Catalã, que é jogada com o Bispo de Rei branco em *fianqueto*. Se as brancas tives-

sem jogado 8. Cbd2, talvez eu tivesse jogado 9... c5, pois já não haveria o perigo de um posterior Cb5.

10. Bd3

A seguir a 5. Be2, é uma perda de tempo. Talvez a intenção fosse Da2 e e4 lançando um ataque na ala de rei, ou então ver o que eu fazia.

10... Tc8

Preparando o plano Tc7-Da8-c5 com ataque sobre o centro e ad longo da grande diagonal.

11. Tc1

Automática e erradamente, as brancas colocam as suas torres na coluna c, onde não terão futuro.

11... Tc7 12. De2 Da8 13. Tc2 Td8 14. Tfc1 Cf8 15. cxd5

As brancas perdem a paciência.

15... Cxd5

Tomei de cavalo porque me convinha eliminar o «burro» de c3 que poderia vir a chatear em b5. A resposta é obrigatória, senão seguir-se-ia Cb4 e c5 com vantagem das negras.

16. Cxd5 exd5 17. a4?1

Talvez com intenção de debilitar a ala de dama. Se a das pretas ou das brancas, é outra questão.

17... Ce6 18. Ce5? Bd6

Defendendo o terrível *barrete* 19. Bxh7+ Rxh7 20. Dh5+ Rg8 21. Dxf7+, e amea-

JUNIORES

		I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1.º J. P. Santos	CAA	16 1	6 2	2 2½	7 3½	3 4½	4 5½	5 6	8 7	9 8
2.º P. Palhares	FAC	21 1	10 2	1 2½	4 3	7 4	6 5	3 5	5 6	8 6½
3.º J. Guimarães	CDUP	19 1	8 1	16 2	15 3	1 3	12 4	2 5	4 6	7 6½
4.º J. Silva	AEFCL	11 ½	14 1½	13 2½	2 3	5 4	1 4	7 5	3 5	6 5½
5.º F. Castro	VFC	20 1	13 1½	11 2	8 3	4 3	10 4	1 4½	2 4½	15 5½
6.º J. Rafael	CR	23 1	1 1	9 2	12 3	13 3½	2 3½	8 4	10 5	4 5½
7.º S. Santos	CDUP	9 1	15 2	8 3	1 3	2 3	16 4	4 4	11 5	3 5½
8.º H. Pereira	VTC	18 1	3 2	7 2	5 2	9 3	11 4	6 4½	1 4½	2 5
9.º A. Ruivo	SIRPM	7 0	22 1	6 1	18 2	8 2	14 3	17 4	13 5	1 5
10.º F. Ramos	SP	12 1	2 1	17 1	19 2	20 3	5 3	16 4	6 4	18 5

11.º A. Antunes, 12.º N. Amaral, 13.º P. Queirós, 14.º A. Cavaco — 4½. 15.º F. Lemos, 16.º M. Tenreiro, 17.º F. Ferreira — 18.º J. Couto, 19.º V. Calado, 20.º J. Gil — 3½. 21.º F. Ceia, 22.º A. Robalo — 3. 23.º P. Silva — 2. 24.º N. Silva — 1½

JUVENIS

		I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1.º F. Sequeira	CFB	11 1	12 2	19 2½	15 3½	2 4½	4 5½	6 6½	3 7	5 7½
2.º A. Baptista	ACL	17 1	16 2	4 2½	19 3½	1 3½	3 4	5 5	11 6	6 7
3.º A. Fróis	AAA	20 1	5 2	6 3	4 3½	7 4	2 4½	19 5½	1 6	9 6½
4.º A. Fernandes	SLB	8 1	14 2	2 2½	3 3	5 4	1 4	12 5	6 5	11 6
5.º J. Assunção	CAA	13 1	3 1	8 2	11 3	4 3	7 4	2 4	10 5	1 5½
6.º F. Ferreira	GXP	15 ½	22 1½	3 1½	13 2½	19 3½	12 4½	1 4½	4 5½	2 5½
7.º J. Coelho	AAA	24 1	19 1	16 2	14 3	3 3½	5 3½	11 3½	23 4½	12 5½
8.º I. Gomes	GXP	4 0	18 1	5 1	24 1½	22 2½	10 3	9 3½	19 4½	13 5½
9.º P. Fernandes	CDUP	22 ½	21 1	11 1	10 1½	13 2	18 3	8 3½	15 4½	3 5
10.º L. Galego	CDUP	19 0	23 ½	20 1	9 1½	14 2½	8 3	17 4	5 4	18 5

11.º Paulo Felizes, 12.º F. Bento, 13.º F. Coutinho, 14.º E. Nunes, 15.º C. Busca, 16.º P. Coimbra, 17.º P. Carreira — 4½. 18.º J. Proença — 4. 19.º A. Lago, 20.º J. Costa, 21.º H. Vieira, 22.º C. Felizes, 23.º J. Durão — 3½. 24.º L. Costa, 25.º A. Bochechas — 2½. 26.º C. Samarra — 0.

cando 19... Bxe5 seguido de c5 com vantagem.

19. Cf3?

Melhor seria 19. f4, embora as negras também ficassem em vantagem, com 19... c5; as brancas perdem tempos sobre tempos.

19... Te7

Ameaçando 20... Cf4 e ganhando o tempo necessário para fazer 21... c5, pois as brancas têm de mover a dama.

20. Dd2 c5!

Até que enfim! A partir desta altura as brancas começaram a ficar apuradas de tempo.

21. a5?

Fraco, pois ignora a ameaça negra. Se 21. dxc5 bxc5 com um forte centro. Melhor seria 21. Ce1.

21... c4! 22. bxc4 dxc4 23. Be2

Se 23. Bxc4 Bxf3 24. gxf3 Cg5! As brancas já têm grande vantagem.

23... b5 24. Bc3 a6 25. Bb4 Te7 26. Bxd6 Txd6 27. Db4 Cc7 28. Db2 Be4

Aproveitando-me da má colocação das peças do adversário para colocar bem as minhas, bloqueando os peões centrais brancos.

29. Td2 Cd5 30. Tdd1

Ameaçava-se 30... c3.

30... h6

Impedindo 31. Cg5, e dando uma casa de fuga ao Rei negro. Mais vale prevenir...

31. Ce5?? Bxg2! 32. Dd2

Se 32. Rxx2 Cxe3+ dá mate em todas as variantes.

32... Bh3

Ameaçando 33... Cxe3 e não permitindo ao rei que se escape.

33. Bf3 Dc8 34. e4 Ce7

Não 34... Cf6 35. Cxf7 seguido de 36. e5 com certo contra-jogo.

35. Df4

Desesperada ameaça em f7. As brancas estavam em apuros de tempo.

35... Tf8 36. Dg3 Cg6 37. Rh1

Nesta altura resolvi trocar todas as peças, alcançando um final fácil de ganhar.

37... Cxe5 38. dxe5 Txd1+ 39. Txd1 Txf3!!

A chave da variante.

40. Dxf3 Bg4

Recuperando. Nesta altura adiamos a partida, sendo as brancas a fazer o lance secreto. Lance que, aliás, nada tem de secreto pois é único para não perder peça.

41. Td8+ Dxd8 42. Dxxg4 c3 43. De2 Dd2 44. Dg4

Na vã esperança de conseguir um perpétuo com 45. Dc8+.

44... Dc1+ 45. Rg2 Dg5 46. Rf3 Dxxg4+ 0:1

Considero esta a melhor partida das que joguei no Campeonato.

(comentários de FERNANDO SEQUEIRA)

JOSÉ SILVA-JOÃO RAFAEL

1. a3 h6 2. b3 g6 3. c3 f6 4. d3 e6 5. e3 d6 6. f3 c6 7. g3 b6 8. h3 a6 9. a4 b5 10. a5 b4 11. c4 d5 12. c5 d4 13. e4 f5 14. e5 f4 15. g4 h5 16. g5 h4 17. Cc3 dxc3 18. Ta3 bxa3 19. b4 Cf6 20. exf6 Th6 21. gxh6 g5 22. b5 g4 23. b6 g3 24. d4 e5 25. Bb5 axb5 26. d5 Bg4 27. hxg4 e4 28. d6 e3 29. Dd5 cxd5 30. Ce2 d4 31. Cxd4 Be7 32. dxe7 Dxe7 33. Bb2 De4 34. fxe4 cxb2 35. a6 b4 36. Cc2 b3 37. Re2 bxc2 38. Td1 Cd7 39. g5 Tc8 40. g6 Tc7 41. bxc7 Cb6 42. cxb6 h3 43. Td7 Rxd7 44. Rd3 Re6 45. e5 Rf5 46. Rc4 Re4 47. Rc5 Rd3 48. Rd6 Rd2 49. Rd7 Rd1 50. Rd8 f3 51. g7 g2 52. h7 a2 53. f7 h2 54. b7 f2 55. a7 e2 56. e6 Rd2 57. e7 Rd1 58. a8T h1T 59. b8C g1C 60. c8B f1B 61. d8D e1D 62. f8B c1B 63. g8C B1C 64. h8T a1 1/2:1/2.

JOÃO ASSUNÇÃO-ARMANDO BAPTISTA
Espanhola, defesa Steinitz Diferida

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 d6 5. 0-0 Bd7 6. c3 Cf6 7. Te1 Be7 8. d4 0-0 9. Cbd2 Te8 10. Dc2! Bf8 11. Cf1? exd4 12. cxd4 Cb4! 13. Db3 Bxa4 14. Dxb4 (14. Dxa4 Cd3, ganhando o peão e4) 14... Bb5 15. d5 (15. Cg3 d5) 15... c5 16. dxc6 e.p. Bxc6 17. Bg5 d5 18. Dc3 dxe4 19. Tad1 Db6 20. C3d2 Cd5 21. Dh3 Dxb2 22. Cxe4 Cf4! 23. Df5? (23. Bxf4 23. Cf6?? Dxf6!) 23... Ce2+ 24. Txe2 Dxe2 25. Cf6+? gxf6 26. Bxf6 De4 27. Dh3 Dg6 28. Bc3 Tad8 0:1

MANUEL SERRA/RUI PEREIRA

SOLUÇÕES

COMBINAÇÕES

34 (KEVOROV-TARASOV). 1. Bd5+! cxd5 2. Th8+ Rxh8 3. Dh5+ Rg8 4. Dh7+ Rf8 5. Txf6+ Re8 6. Dg8+ 1:0

35 (CALVO-BYRNE). 1. e6!! bxa6 2. c6 Be8 3. Db3 Cf6 4. Be6 Dd8 5. Te1 Db6 6. Bb4 Tc7 7. Bc5 Txc6 8. Cxc6 Dxc6 9. d4 Ce4 10. d5 Db7 11. Be3 Bd7 12. Db4 Bxe6 13. dxe6 Rg8 14. Td1 Bf6 15. Td7 Dc6 16. Tf7 1:0

36 (HORT-FERNANDEZ). 1. f6!! Cxf6 2. Bxe5 Cxe4 3. Cxe4 Txe5 4. Cxd6 Te7 5. Tf4 Rf8 6. Ce4 Tc7 7. Tf6 Ce8 8. Tb8 1:0

ESTUDOS FINAIS

34 (KOROLKOV e MITRAFANOV) 1. Rg5+ Re8 2. Txc4 h6+ 3. Rg6 Te6+ 4. Rh7 Txc4 5. Bd5 Te4 6. Cd2 ganha

35 (GORGIEV). 1. Cd4 Da1 2. Cb5+ Rb2 3. Cd6 Td1 4. Cc4 Rc1 5. e8C d5 6. C8d6 dxc4 7. Cxc4 Ta3 8. Ce5 Rb2 9. Cd3++

36 (KAKOVIN). 1. Ta1+ Re2 2. Cg3+ hxg3 3. Ta2+ Rd1 4. Rd3 Re1 5. Re3 Rf1 6. Rf3 Rg1 7. Rxxg3 Rf1 8. Ta1 ganha

PROBLEMAS

34 (KUBBEL). 1. Rf8 ameaça 2. Cg7++ 1... Df2 2. Cg5++; 1... Tf3 2. d5++; 1... Tf2 2. Cc5++. Três pregagens do Cf5 com aberturas de linhas brancas, permitindo interceptação branca.

35 (S. EKSTROM). «Four Ways» (quatro caminhos), expressão inglesa indicando que uma defesa abre linha a duas peças e fecha a outras duas. Está combinado com correcção negra. 1. e3 ameaça 2. Dd4++. 1... C 2. Cf2++; 1... Cf4 (correção do erro) 2. De5++ 1... Cf6 (outra correcção) 2. Bg6++ (abriu as mesmas linhas e fechou a Tf8 e Td6).

36 (A. MARI). 1. Ce3 ameaça 2. Dg2+ fxg2 3. Bxxg2++. 1... Bf2 2. Bxf3+ Bxf3 3. Cxf2++; 1... Tf2 2. Cxf2+ Bxf2 3. Bxd3++; 1... Bb3 2. Dxf3+ Txf3 3. Cf2++. Os bispos e a torre negros realizam o terço-de-pregagem.



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

